



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS INGLÊS**

LARISSA DE ARAÚJO SILVA

**O HERÓI BYRONIANO EM ROMANCES DE ÉPOCA CONTEMPORÂNEOS: UMA
LEITURA DO PERSONAGEM SIMON BASSET EM *O DUQUE E EU* DE JULIA
QUINN**

**GUARABIRA
2023**

LARISSA DE ARAÚJO SILVA

**O HERÓI BYRONIANO EM ROMANCES DE ÉPOCA CONTEMPORÂNEOS: UMA
LEITURA DO PERSONAGEM SIMON BASSET EM *O DUQUE E EU* DE JULIA
QUINN**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em letras inglês.

Área de concentração: Estudos Críticos de literaturas anglófonas

Orientador: Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes.

**GUARABIRA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586h Silva, Larissa de Araujo.
O herói Byriano em romances de época contemporâneos [manuscrito] : uma leitura do personagem Simon Basset em o Duque e Eu de Julia Quinn / Larissa de Araujo Silva. - 2023.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes, Departamento de Letras - CH. "

1. Herói Byroniano. 2. O Duque e Eu. 3. Simon. 4.
Romantismo. I. Título

21. ed. CDD 410

LARISSA DE ARAÚJO SILVA

O HERÓI BYRONIANO EM LIVROS DE ÉPOCA CONTEMPORÂNEOS: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM SIMON BASSET DO LIVRO *O DUQUE E EU*

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em letras inglês.

Área de concentração: Estudos Críticos de literaturas anglófonas

Aprovada em: 28/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Auricélio Soares Fernandes
Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aline Oliveira do Nascimento
Profa. Esp. Aline Oliveira do Nascimento (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Priscila Soares de Oliveira
Profa. Esp. Priscila Soares de Oliveira (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai Severino Assis, a minha mãe Jovita Maria, pelo apoio e ajuda nas horas difíceis, e por juntos lutarem e sempre guiarem os meus passos para o bom caminho. É com infinito amor que a eles dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por tudo, a começar pela vida, pois sem este dom precioso eu não estaria aqui e nada disso seria possível. E por cada graça alcançada ao longo desta caminhada.

Agradeço aos meus pais, pela paciência, e pelo tempo que sempre se dedicaram para me instruir a trilhar o melhor caminho possível.

Ao meu irmão, pelo apoio e ajuda, e, mesmo com as discordâncias bestas que os irmãos têm às vezes, nunca deixou de me ajudar.

Ao meu orientador professor Auricélio Soares Fernandes, pela orientação, disponibilidade, colaboração e apoio ao longo da elaboração deste trabalho.

Aos familiares além dos que mencionei, primos e amigos dos quais não citarei nomes, pois não conseguiria lembrar de todos os nomes, aos muitos que me ajudaram nessa minha jornada acadêmica e de vida.

A todos os meus professores, desde as primeiras letras, também do ensino fundamental e médio, até a graduação, pelo conhecimento compartilhado, do meio acadêmico e pessoal, pois é graças a eles o conhecimento que tenho hoje.

À Coordenação de Letras, pelo acolhimento quando procurava para a resolução de questões acadêmicas.

A todos os professores do Departamento de Letras, pela contribuição durante esse período de formação acadêmica, mas também não posso esquecer de agradecer a alguns professores do Departamento de Educação, pela preciosa ajuda.

Aos demais funcionários do Campus III da UEPB, que sempre estavam a postos a ajudar sempre que precisava.

Aos integrantes da banca examinadora, por terem aceitado avaliar este trabalho. As sugestões e críticas serão importantes para enriquecer o mesmo.

A todos o meu muito Obrigada!

“Justo quando havia concluído que seu suposto salvador era irremediavelmente arrogante, ele tinha que lhe sorrir daquela maneira... Era um daqueles sorrisos de menino, do tipo que derrete corações femininos num raio de 15 quilômetros”. Julia Quinn

O HERÓI BYRONIANO EM ROMANCES DE ÉPOCA CONTEMPORÂNEOS: UMA LEITURA DO PERSONAGEM SIMON BASSET EM *O DUQUE E EU* DE JULIA QUINN

Larissa de Araújo Silva*

RESUMO

Na literatura, é comum encontrarmos conceitos novos e antigos. Os primeiros mostram mudanças existentes em cada momento, já os segundos são aqueles que se repetem, mas mostrados de uma forma diferente. Quando falamos sobre obras literárias contemporâneas, se faz necessário observarmos certas características sejam elas novidades ou padrões que se repetem. Partindo desta reflexão o presente artigo apresenta uma pesquisa sobre os elementos estéticos do estereótipo do herói byroniano a partir do personagem Simon Basset do romance *O Duque e Eu* (2013), da escritora Julia Quinn. Este trabalho possui como objetivo destacar as características byronianas neste personagem ao longo do romance. Para isso, analisaremos e discutiremos a conduta de Simon na obra, identificando aspectos deste personagem que o caracterizam como o personagem criado por Lord Byron durante o Romantismo. Para o desenvolvimento desta pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, utilizamos como aporte teórico as pesquisas de Macena (2020), Stein (2004), Guðmundsdóttir (2012) e, ao final, concluímos que o personagem Simon possui aspectos que o caracterizam como herói byroniano.

Palavras-Chave: Herói Byroniano; *O Duque e Eu*; Simon; Romantismo.

ABSTRACT

In literature it is common to find new and old concepts. The first show changes that exist at each moment, while the second are those that are repeated, but shown in a different way. When we talk about contemporary literary works, it is necessary to observe certain characteristics, whether they are new or repeating patterns. Based on this reflection, this article presents research on the aesthetic elements of the Byronic hero stereotype based on the character Simon Basset from the novel *The Duke and I* (2013), by writer Julia Quinn. This work aims to highlight the Byronic characteristics of this character throughout the novel. To do this, we will analyze and discuss Simon's conduct in the work, identifying aspects of this character that characterize him as the character created by Lord Byron during Romanticism. To develop this analysis, of a qualitative and bibliographic nature, we used the research of Macena (2020), Stein (2004), Guðmundsdóttir (2012) as a theoretical contribution and, in the end, we concluded that the character Simon has aspects that characterize him as a Byronic hero.

Keywords: Byronic Hero; *The Duke and I*

* Graduada em História (UEPB); Graduanda em Letras Inglês (UEPB); E-mail: larissalua.araujo@gmail.com.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 SOBRE O HERÓI BYRONIANO: NOTAS BREVES SOBRE <i>MANFREDO</i>	12
3 O <i>DUQUE E EU</i> , DE JÚLIA QUINN, E O NOVO HERÓI BYRONIANO	17
4 CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A literatura encontra-se presente na vida do ser humano desde tempos imemoriáveis. Por ser uma manifestação artística, é capaz de acompanhar a sociedade ao longo de sua história, manifestando-se em diferentes contextos e épocas sem deixar de mostrar as características de cada uma, inclusive, fatos que estão além do que pode ser visto.

Atualmente observamos no meio literário as mais diversas obras, sejam elas românticas, políticas, biográficas, ficcionais entre outras, elas englobam os mais diversos assuntos, trazendo suas contribuições para a sociedade em diferentes contextos, até mesmo o acadêmico. Para que possamos ver como a literatura se faz presente, basta pensarmos o número de referências e adaptações de obras literárias e audiovisuais existentes hoje.

Além disso, conceitos e ideias literárias também são reproduzidas dentro da própria literatura. Um conceito que se tornou atemporal e vem ganhando cada vez mais visibilidade é o herói byroniano, que tem como arquétipo o personagem criado por Lord Byron. Trata-se de um personagem que contém características marcantes e se encontra presente na literatura desde o seu surgimento durante o romantismo até hoje.

Para o estudo principal da pesquisa, utilizamos a obra literária *O Duque e Eu*, que integra a série os *Bridgertons*, de autoria de Julia Quinn¹. Esta é uma obra literária que, mesmo escrita nos anos 2000, encontra-se em evidência devido à estreia da série homônima no streaming Netflix no ano de 2020. Em teoria, abordaremos uma visão sobre as características de um homem “idealizado” por este ser um personagem recorrente na literatura. O que nos leva a seguinte questão: quais qualidades de um personagem literário o fazem ser caracterizado como herói byroniano nos livros de época contemporâneos?

Este trabalho apresenta sua contribuição pelo fato de mostrar um conceito literário que, apesar de antigo, encontra-se presente nas obras de diferentes épocas como o arquétipo de herói byroniano. Seja nos livros, séries ou filmes, este geralmente é um personagem que desperta diferentes emoções nos leitores, a começar pela curiosidade, simpatia ou reprovação.

¹ *O Duque e Eu* é o primeiro volume da série *Os Bridgertons*, da autora Julia Quinn, publicados no Brasil pela editora Arqueiro. Um romance de época que, como muitos do gênero, te proporciona uma leitura leve, engraçada, e como não poderia faltar, quente. (Henker, 2021).

Para uma melhor abordagem a respeito da temática, este trabalho se divide em três partes. Na primeira, serão discutidas algumas questões sobre o herói byroniano dentro da escrita do próprio Byron, seguido de uma breve discussão sobre o conceito do herói em si e, por último, apresentaremos a leitura crítica do romance *O Duque e eu*, em que é feita a relação entre o personagem e o conceito do herói byroniano.

Quanto à tipologia da pesquisa, trata-se de uma pesquisa qualitativa² e bibliográfica, para tanto, foram estudados textos que possibilitassem desenvolver uma discussão do tema. Assim, um método adotado foi a pesquisa bibliográfica. De acordo com Xavier (2012), a pesquisa bibliográfica ocorre quando a investigação é feita através da catalogação e união de materiais gráficos sobre determinado tema, após reunir o material o pesquisador faz uma análise crítica para que assim consiga mostrar novos pontos de vista e conceitos dentro do assunto discutido.

Logo, podemos ver a importância da pesquisa bibliográfica para estudos em diferentes áreas do conhecimento, uma vez que, tanto em acervos materiais como digitais, é possível encontrar documentos que podem auxiliar em uma infinidade de pesquisas, pois os livros podem proporcionar ao leitor a capacidade de acessar um mundo totalmente novo. Os romances, por exemplo, trazem histórias que ganham vida quando são lidas.

Como aporte teórico para este trabalho foram utilizadas pesquisas a respeito do tema o herói byroniano, bem como a obra do próprio Lord Byron.

² A pesquisa qualitativa está inserida no campo das ciências sociais e trabalha com as realidades que não podem ser quantificáveis, ou seja, trabalha com o universo humano, suas questões e implicações. (SILVA *et al.*, 2021, p. 94).

2 SOBRE O HERÓI BYRONIANO: NOTAS BREVES SOBRE *MANFREDO*

Ao trabalharmos a representação do herói byroniano na literatura, a obra literária *o Duque e Eu* 2013 traz no perfil do personagem Simon Basset qualidades que se aproximam do herói byroniano. Simon é um personagem marcante, inteligente, educado, de uma boa classe social e com traumas do passado que moldam a sua forma de agir ao longo do romance.

A figura do herói byroniano “apareceu pela primeira vez no livro semiautobiográfico de Byron, *Childe Harold's Pilgrimage*, mas o personagem foi evoluindo e está presente nos romances orientais que ele foi inspirado a escrever durante suas viagens ao exterior em 1809 e 1811” (Guðmundsdóttir, 2012, p. 2, tradução nossa)³. E a partir desta obra Byron e seu personagem ficaram conhecidos mundialmente: “E foi justamente esta obra autobiográfica que o tornou conhecido no mundo inteiro” (Schadeck, 2023). E não apenas Byron, mas o personagem criado por ele, que se tornaram tão conhecidos, acabando por compor a literatura até os dias atuais.

Vejamos agora o que Sousa (2018) nos diz a respeito desse herói:

O Herói romântico que tem suas origens no século XIX, influenciou diversos personagens contemporâneos e teve suas principais características definidas pelo escritor Lord Byron⁴ que criou a figura de um personagem que segue suas próprias regras e estabelece seus próprios códigos morais (Sousa, 2018, p. 25).

Na fala do autor, podemos notar que o conceito de herói não é tão atual e que inspira personagens desde o período no qual foi criado, ganhando um caráter atemporal como podemos ver a seguir:

O herói criado por Lord Byron foi enaltecido em sua obra poética e transcendeu os limites do tempo servindo como base para outros personagens não só da literatura como no cinema e HQ's, teatro, novelas e seriados. Na atualidade esses personagens prendem a atenção dos espectadores e leitores, pois possuem características que chamam bastante a atenção do público. (Macena, 2020, p. 21).

³ Texto Original: The character first appeared in Byron's semi-autobiographical *Childe Harold's Pilgrimage* but the character kept evolving and is present in his oriental romances which he was inspired to write during his travels abroad in 1809 and 1811. (Guðmundsdóttir, 2012, p. 2).

⁴ Lord Byron como ficou conhecido George Gordon Byron, poeta inglês do século XIX, é um dos mais importantes escritores do Romantismo europeu, tendo influenciado inúmeros poetas pelo mundo. (Guimarães, 2022).

Baseado em uma conduta diferente da vigente na sociedade em que vive, este é um arquétipo que possui atributos singulares, onde existem aspectos positivos e negativos em uma mesma pessoa, uma personalidade intimidante, mas, ao mesmo tempo, atrativa, por sua maneira de se expor e pela sua maneira de pensar. Um homem com opiniões e conceitos formados com base na sua vivência do passado ou presente. Segundo Stein (2004), ele vive num mundo onde estabelece seus próprios padrões e código morais. Por sua vez, Guðmundsdóttir (2012), a seguir, mostra mais algumas características desse herói nos dizendo que:

O herói byroniano aparece repetidamente na cultura contemporânea e tem sido um assunto amplamente popular desde que o byronismo se tornou popular após a morte do poeta. O personagem tem sido usado com tanta frequência e diversidade que o sentimos familiar. A natureza rebelde e desafiadora do personagem é o que o torna tão interessante. O herói byroniano é um fora da lei e um forasteiro que define seu próprio código moral e desafia a autoridade. Seu senso egoísta de sua própria superioridade fortalece sua independência e autossuficiência. (Guðmundsdóttir, 2012, p. 18, tradução nossa)⁵

Ainda na contemporaneidade, podemos encontrar com bastante frequência o estereótipo do herói byroniano no mundo artístico e literário. Embora não totalmente igual àquele do século XIX, devido aos seus aspectos de homem contemporâneo, e seguindo os padrões de beleza e comportamento atuais, algumas características conservadas podem ser percebidas ainda hoje. Características que fazem deste arquétipo algo expresso no imaginário das pessoas e ainda no mundo literário, cinematográfico e televisivo como nos mostra Stein, 2004:

O herói byroniano se apresenta como alguém altamente inteligente, atraente, com um grande nível de percepção, comportamento autodestrutivo, arrogância, sofisticação, cinismo, solidão e bipolaridade. É uma figura alienada que ignora a essência do seu eu, que maquia seu desânimo interno sob uma máscara de maldade. Isso conquista o público, pois muitas vezes os leitores e telespectadores conseguem se enxergar no personagem. (Macena, 2020, p. 21).

Esse é o tipo de personagem fictício que desperta a afeição de um público considerável até hoje. Sendo geralmente visto como o homem mais próximo do “perfeito”. Porém, sua conduta pode ser considerada como duvidosa em alguns casos. Sobre esta questão vejamos a citação a seguir:

⁵ Texto Original: “The Byronic hero appears again and again in contemporary culture and has been a widely popular subject ever since Byronism became popular in the afterglow of the poet’s death. The character has been used so often and diversely that we feel it is familiar. The rebellious nature and defiance of the character is what makes it so interesting. The Byronic hero is an outlaw and an outsider that defines his own moral code and defies authority. His egotistical sense of his own superiority strengthens his independence and self-sufficiency. (Guðmundsdóttir, 2012, p. 18).

“Desse modo o herói byroniano conquista cada vez mais o público, pois ele nos faz refletir sobre os conceitos de certo e errado a partir de um personagem que se assemelha ao anti-herói, que diverge do herói e segue seus próprios ideais para conseguir seus objetivos” (Macena, 2020, p. 22).

Esse objetivo, em alguns casos, pode ser uma vingança, que visa satisfazer o personagem amenizando seu sofrimento de alguma forma. Caracterizado pela inteligência, para conseguir colocar seus planos em prática, esse tipo de personagem recorre a uma conduta bastante duvidosa sem se importar com as consequências, embora ele mesmo pague por elas depois.

O apelo do herói byroniano são suas falhas, as falhas com as quais todos podem se identificar em alguns aspectos e terá empatia. Desafiar a autoridade e abrir seu próprio caminho sempre foi tem sido muito atraente e esse apelo não diminuiu nos tempos modernos. Byron fez seu herói para ser algo que as pessoas desejam, um bad boy arrogante procurando por perdão por seus erros passados. O herói byroniano raramente consegue satisfazer seus desejos ou necessidades, é mais provável que seja consumido ou mesmo destruído por suas próprias paixões. (Guðmundsdóttir, 2012, p. 21, tradução nossa)⁶

As obras que possuem esses personagens, normalmente, podem trazer finais totalmente opostos. Tem-se o herói que é levado a um final trágico por não conseguir ter ou ver superação para o seu sofrimento de outra forma, como na obra literária *Manfredo* (2021). E tem o que vai conviver com o sofrimento, mas vai encontrar pessoas e sentimentos que serão um ponto crítico em relação ao seu caráter e atitudes, levando-os à superação de suas angústias interiores, sendo então feita a desconstrução do aspecto do herói. Essa é a figura do herói byroniano, mesmo criado há um tempo considerável, ainda compõe o imaginário literário, sendo mostrado em suas diferentes nuances.

A humanidade possui capacidade de criar inúmeros bens, e estes podem ser materiais e imateriais. Dente estas criações, uma que atravessa as fronteiras do tempo é a arte. A arte é uma forma de expressão que o ser humano utiliza e utilizou nas suas mais diferentes formas ao longo dos tempos como por exemplo a pintura, escultura, música, dança, arquitetura, cinema e literatura.

Em cada época, as manifestações artísticas apresentam diferentes características, que normalmente estão de acordo os acontecimentos e ideias que

⁶ Trecho original: “The appeal of the Byronic hero is his flaws, the flaws everyone can identify with in some look and empathize. Challenging authority and blazing your own trail has always been it has been very attractive and that appeal has not diminished in modern times. Byron made his hero to be something people want, a cocky bad boy looking for orgiveness for your past mistakes” (Guðmundsdóttir, 2012, p. 21).

influenciaram a sociedade em diferentes períodos históricos. Revoluções e guerras, por exemplo, são acontecimentos motivadores de grandes mudanças políticas, econômicas e sociais, e estas afetam a sociedade de forma direta, causando transformações de contorno geral, inclusive nas formas de se fazer arte. Desta foram surgindo os diferentes movimentos artísticos dos primórdios até hoje.

A literatura, como uma forma artística, traz as singularidades de cada época, que se manifestam através dos diferentes movimentos artísticos. Existente há muito tempo, ainda hoje podemos, através da literatura, aprender e entender as formas de pensar, viver, crenças, emoções e acontecimentos pertencentes a pessoas de outras épocas e lugares.

Dentre os movimentos estéticos que se manifestaram nos diferentes tipos de arte e épocas, queremos destacar o Romantismo e, principalmente, a sua manifestação na literatura durante o século XIX. Sobre este movimento artístico, sabe-se que

[...] é um estilo literário predominante na primeira metade do século XIX que se caracteriza pela subjetividade (valorização da visão de mundo de um indivíduo: o eu-lírico na poesia e o narrador pessoal na prosa narrativa), pela idealização da realidade e de tudo e de todos que dela fazem parte, do escapismo, da religiosidade, do culto à natureza etc. (Beloto; Santos Neto, 2023, p. 124).

No caso do Romantismo na literatura, podemos destacar autores na Europa como Goethe e Lord Byron, e no Brasil como Álvares de Azevedo e Cassimiro de Abreu, que podem ser destacados no período analisado. Essas obras eram marcadas por abordar temáticas como morte, melancolia, idealização da mulher, tragédias amorosas com um final trágico.

[...] a poesia sentimental produzida no Romantismo Brasileiro influenciada pela poesia do inglês Lord Byron e, por isso, chamada byroniana, em que o eu - lírico deseja morrer para após a morte ter o amor da mulher amada impossível de ser correspondido nesta vida, deixando-se definhar, levando uma vida boêmia, desregrada, em constante risco de adoecer, tendência chamada mal do século. (Beloto; Santos Neto, 2023, p. 124).

Alguns autores dessa época se destacam até os dias atuais, como Lord Byron, criador de um estereótipo de herói que acabou sendo reproduzido em obras literárias o herói byroniano⁷. Esse herói traz qualidades do próprio romantismo, bem como autobiográficas do próprio Byron (Marcena, 2020).

⁷ A *Enciclopédia Literária* define o byronismo como um estilo de vida, um conjunto de características caracterizando os textos de Byron ou seu herói. (Guðmundsdóttir, 2012, p. 5).

Assim, podemos ver traços desse estereótipo dentro da obra do próprio Byron, como no trecho a seguir, retirado da obra literária *Manfredo* (2021): “Mas a dor devia instruir o sábio; sofrer é saber: os que mais sabem são os que mais devem chorar sobre a fatal verdade, a árvore da ciência não é a árvore da vida” (Byron, 2021, p. 14). Uma das características desse tipo de personagem é o sofrimento que o acompanha, ele normalmente é consequência de situações que passou em sua vida, erros cometidos, sentimentos, rejeição etc.

No caso, a obra literária *Manfredo* (2021) mostra o personagem de mesmo nome, um nobre que se encontra melancólico e deseja pôr um fim em sua vida a fim de acabar com os erros e a culpa que sente, ele busca o esquecimento, mudança a fim de se afastar da dor que sente e, para isso, recorre a coisas sobrenaturais, como podemos ver na seguinte citação retirada da obra:

É assim?... pois bem. Espíritos da terra e do ar, não zombareis de mim... Por um poder maior do que todos de que me hei servido, por esse encanto irresistível que numa estrela condenada teve seu berço, destroço ardente de um mundo extinto, inferno errante no espaço eterno; pela horrível maldição que me pesa n'alma, pelo pensamento que está em mim e em tudo que me cerca, eu vos íntimo a obedecerdes às minhas ordens! Aparecei! (Byron, 2021, p. 15).

Manfredo invoca os espíritos com que tem um diálogo e os espíritos falam que dariam qualquer outra coisa menos aquilo que ele tanto queria, pois estava além dos seus poderes:

Podemos apenas dar-te o que possuímos; pede-nos súditos, soberania, poder sobre a terra, de toda ou de parte dela, ou um encanto com que possas dominar os elementos sobre que reinamos, e cada uma dessas coisas ou todas serão tuas (Byron, 2021, p. 18).

Porém, os espíritos mostram a morte como uma solução: “Não está em nossa essência, em nosso poder; mas... podes morrer” (Byron, 2021, p. 19). Assim, o personagem busca a morte, conseguindo alcançá-la no final da obra, como pode ser visto em sua última fala: “Velho! Não é tão difícil morrer... (Expira)” (Byron, 2021, p. 79).

Outra característica do herói criado por Byron é a conduta duvidosa e os sentimentos por alguém. Na peça, o sofrimento de Manfredo é uma consequência de erros do passado, dos quais ele encontra-se arrependido, relacionados à morte de alguém a quem amou:

Ouve-me, ouve-me... Astarteia! Minha amada! Fala-me! Tenho sofrido tanto!... Sofro tanto!... Olha para mim! O túmulo não te há demudado mais do que eu o estou por tua causa. Tu muito me amaste, tanto quanto eu te amei: oh! Não fomos feitos para torturar-nos assim, por mais culpados que tenhamos sido por nos termos amado como nos amamos. (Byron, 2021, p. 53).

Ele estava condenado a ver, sentir e a não esquecer as consequências dos seus atos: “Oh! Deus! Se isto é na realidade, se tu não és uma ilusão de louco ou uma zombaria, então posso ainda ser o mais feliz dos homens: apertar-te-ei em meus braços, e seremos outra vez... (Desaparece a mulher) Oh!... meu coração partiu-se! (Cai sem sentidos)” (Byron, 2021, p. 23). Sendo isso algo inesquecível que o acompanha como uma maldição causando dor e sofrimentos constante.

Por teu coração de gelo, por teu sorriso de víbora; pelo abismo insondável de tuas astúcias, por esse teu olhar na aparência o mais virtuoso, pela hipocrisia de tua alma refohada, pela perfeição de teus artifícios que chegaram a fazer passar por humano o teu coração; pelo prazer que achas nas dores de outrem e por tua fraternidade com Caim, eu te condeno e obrigo-te a seres tu mesmo o teu próprio inferno! (Byron, 2021, p. 79).

Ao longo da obra literária, podemos perceber como o personagem sofre e encontra como última solução para o fim de seu sofrimento a morte.

3 O DUQUE E EU, DE JULIA QUINN, E O NOVO HERÓI BYRONIANO

A obra literária *O Duque e Eu* (2023) foi escrita pela autora americana Julie Pottinger cujo pseudônimo é Júlia Quinn, e publicada pela primeira vez no ano 2000. No Brasil, a primeira publicação data de 2013, pela editora Arqueiro. Sobre essa autora vejamos a seguinte afirmação: “Julia Quinn é uma das melhores escritoras de livros de época. Ela tem mais de 36 obras, traduzidas em 29 idiomas, somando mais de 15 milhões de livros vendidos” (Spaniol, 2022, n.p). Isso nos mostra como essa autora é reconhecida na contemporaneidade. Vejamos agora como se caracteriza sua escrita:

A escrita da Julia Quinn é leve e divertida, tendo suas principais características: lugares deslumbrantes, mães casamenteiras, filhos rebeldes ou não, mocinhos legais e os melhores diálogos espirituosos. Um pouco muito legal de destacar é que quase sempre podemos encontrar um personagem de outro livro no meio da história, isso faz com que o leitor tenha uma surpresa agradável em rever seus personagens queridos ou icônicos. (Spaniol, 2022, n.p).

A narrativa do romance mostra a Inglaterra no século XIX, mais precisamente a vida da nobreza em Londres. O livro *O Duque e Eu* (2013) é o primeiro de uma série de nove livros intitulada *Os Bridgertons*, que conta a história dos irmãos Bridgerton. No primeiro romance, os personagens principais são Daphne e Simon. Daphne é uma moça de vinte e um anos, de classe alta, solteira e em idade de se casar, sua mãe tenta constantemente lhe arranjar um compromisso, já que, de acordo com o contexto da época, tudo que uma moça deveria almejar era um bom casamento.

Essa questão da importância do casamento, principalmente para as mulheres, era algo existente dentro das diferentes classes sociais, isso pode ser visto tanto nos outros livros da série como em obras literárias e audiovisuais que retratam o início do século XIX, por exemplo, em *Orgulho e Preconceito* 813, da Autora Jane Austen, que é uma obra literária muito conhecida e mencionada na atualidade.

Simon é um Duque de vinte e nove anos que retornou a Londres após viajar pelo mundo, ele é o melhor amigo do irmão mais velho de Daphne, Anthony Bridgerton. Simon nunca teve um bom relacionamento com o pai, apesar de ser filho único, devido a problemas com o desenvolvimento da fala, que ele conseguiu superar com os anos, porém algo que nunca superou foi a sua relação com o pai ou, melhor dizendo, a rejeição.

Sendo então um rapaz nobre, belo, rico e educado, torna-se um bom partido para as solteiras da época. E por causa disso, algumas mães de moças solteiras viviam no seu encalço e, para se livrar disso, ele cria um plano, pois, segundo ele, não deseja se casar. Simon e Daphne se conhecem em um baile, e logo Simon demonstra atração por ela até descobrir que a garota é irmã de seu melhor amigo.

Assim que tem oportunidade, Simon faz uma proposta a Daphne para que ela se torne a sua namorada de mentira. Segundo ele, este seria um trato vantajoso para ambos, pois serviria para que as mães com filhas solteiras parassem de persegui-lo e para que depois ela também pudesse conseguir um bom compromisso. A situação muda quando Daphne e Simon são pegos em uma situação comprometedor e são obrigados a se casar, algo que Simon jurou nunca fazer.

Uma vez que neste trabalho estamos falando sobre as qualidades do herói byroniano, nesta seção, discutiremos sobre as características desse arquétipo no

personagem Simon Basset, da obra literária *O Duque e Eu* (2013), da autora Júlia Quin. A discussão será feita sob algumas perspectivas que enaltecem as qualidades desse tipo de personagem. Entre elas, passado problemático, sofrimento, apelo sexual, sexualidade, masculinidade, uma áurea de mistério e origem abastada.

O personagem Simon Basset traz em suas qualidades um conceito masculino que mostra um homem com muitos atrativos, positivos e negativos, por exemplo, ser de uma classe social abastada, jovem, inteligente, bonito, traz consigo uma aura envolvente e ainda possui problemas no seu passado, principalmente com seu pai.

E mesmo sendo uma obra literária de época escrita na contemporaneidade, percebemos na descrição deste personagem o que nos remete a pensar no herói byroniano. Conforme Fernandes 2020 pode ser descrito da seguinte forma: “[...] uma caracterização do típico herói byroniano: charmoso, bonito, educado, rico e sedutor e, principalmente, entediado com a vida.” (Fernandes, 2020, P. 175).

A seguir vemos trecho do romance que se refere às qualidades de Simon Basset: “Ele era conhecido como alguém “confiante”, “lindo de morrer”, “o exemplar perfeito da virilidade inglesa”. Os homens buscavam sua opinião sobre vários assuntos. As mulheres caíam a seus pés” (Quinn, 2013, p. 43).

Essa é a forma como ele é descrito quando adulto, mas a obra mostra a vida de Simon desde o seu nascimento, o livro começa no prólogo, retratando como Simon era esperado com muitas expectativas por todos, ele foi uma criança que mesmo antes de nascer já tinha o dever de atender a determinados padrões, por ser herdeiro do título de seu pai, O Duque de Hastings, e uma das maiores preocupações que os nobres possuíam naquela época era ter um herdeiro, Simon já nasceu com um título de conde de Clyvedon, ou seja, tem origem nobre, o que lhe garantiria um padrão de vida elevado e ótimas condições na sociedade, características bem comuns do tipo de personagem com traços byronianos:

O nascimento de Simon Arthur Henry Fitzranulph Basset, o conde de Clyvedon, foi recebido com muita alegria. Os sinos da igreja tocaram por horas, serviu-se champanhe à vontade no imenso castelo que o recém-nascido chamaria de lar e toda a aldeia de Clyvedon parou de trabalhar para participar dos festejos organizados pelo pai do jovem conde. (Quinn, 2013, p. 7).

O que alimentava ainda mais a sua responsabilidade era o fato de seus pais terem tido dificuldades em ter filhos, sendo Simon o único filho do casal a nascer saudável. E é justamente por não atender às expectativas com perfeição que Simon

é rejeitado pelo pai, e isso vai ser a causa de todo o seu sofrimento ao longo da história do livro. Sendo este passado traumático causador dos sentimentos de ódio e sofrimento e essa é uma qualidade que nos remete a uma representação do herói byroniano, que sofre devido a um passado que lhe aflige.

A mãe de Simon morreu ao dar à luz em um parto difícil. A Duquesa possuía alguns problemas de saúde por causa das muitas tentativas de conceber, já que, para a época, além do casamento, as mulheres também deveriam ter filhos:

O duque lamentou a morte da esposa. De verdade. Ele não a amava, é claro, nem ela a ele, mas os dois haviam sido amigos de uma forma estranhamente distante. Ele não esperara nada do casamento além de um filho e herdeiro, e quanto a isso ela se provara exemplar. (Quinn, 2013, p. 9).

Com a morte da Duquesa, a família ficou composta por Simon e seu pai. E conforme vai crescendo, Simon se torna dependente das opiniões e desejos do pai, busca agradá-lo, como ele não atende a esses anseios, o pai o rejeita e o pequeno conde começa a odiar seu progenitor.

O pai de Simon não era muito presente na sua vida, normalmente muito ocupado cuidando de suas propriedades, via-o apenas de vez em quando, mas se preocupava muito com a sua educação. Para ele, como o filho seria o futuro Duque, deveria aprender muitas coisas. O Duque começa a se preocupar com a educação de seu filho, quando este tinha apenas dois anos de idade. Nesse período, a função de cuidar de Simon era responsabilidade de uma cuidadora, a Ama Hopkins, que o acompanha por muitos anos:

O duque visitou Clyvedon algumas vezes, e retornou em definitivo no segundo aniversário de Simon, pronto para assumir a educação do juvenzinho. Mandou que lhe comprassem um pônei, selecionassem uma pequena arma que ele usaria no futuro na caça à raposa e contratassem tutores de todas as disciplinas conhecidas pelo homem. (Quinn, 2013, p. 9).

Nesta parte do livro que começam os problemas entre Simon e seu pai. Com dois anos, Simon ainda não falava, mas o pai releva por causa da pouca idade do filho e resolve aguardar mais algum tempo. E para o pai de Simon, não tinha como ele não ser muito inteligente, bom em tudo e ter algum problema, afinal era um Basset e o tempo todo o Duque enaltecia a superioridade de sua família e que isso era algo que seu filho deveria ter com certeza:

O que está construindo aí, filho? Simon sorriu e apontou. O duque olhou para a ama Hopkins. – Ele não fala? Ela balançou a cabeça. – Ainda não,

Alteza. O duque franziu a testa. – Ele já tem 2 anos. Já não deveria estar conversando? – Algumas crianças levam mais tempo que outras, Alteza. Sem dúvida ele é um menininho inteligente. – É claro que sim. É um Basset. (Quinn, 2013, p. 10).

Passados mais dois anos, o pai de Simon começa e se preocupar com o desenvolvimento da sua fala, ele já tinha 4 anos e não falava nada. O Duque fica furioso com o filho e reclama com a cuidadora, ele ameaça bater em Simon e neste momento ele fala as suas primeiras palavras, que saem enroladas por causa de um problema, a gagueira. Os encontros de Simon com o pai se tornam cada vez piores após esta ocasião, a fúria do pai em querer lhe bater, o desprezo e a rejeição acabam se tornando elementos traumáticos que fazem Simon, desde criança, nutrir sentimentos ruins em relação ao pai:

– Vou fazer você falar, seu pequeno idiota... – Não! A ama ofegou. O duque deixou a escova cair. Foi a primeira vez que ouviram a voz da criança. – O que você disse? – sussurrou o duque, com os olhos se enchendo de lágrimas. O menino cerrou os punhos ao lado do corpo e projetou o queixinho à frente enquanto falava. Não me b-b-b-b-b... O rosto do soberano ficou mortalmente pálido. – O que ele está dizendo? Simon tentou pronunciar a frase de novo. – N-n-n-n-n-n... – Meu Deus – bufou o duque, aterrorizado. – Ele é um idiota. – Não é, não! – gritou a ama, lançando os braços ao redor do menino. (Quinn, 2013, p. 11).

Após esse dia, o Duque não quis ver Simon, e a cuidadora Ama Hopkins jurou que o ensinaria a falar e provaria ao pai de Simon que ele poderia conseguir falar bem, então ele teria que aceitar e se orgulhar do filho. A Ama Hopkin ajudou Simon a superar o seu problema. Ela cumpriu a promessa e Simon havia melhorado sua fala, porém a gagueira ainda existia e manifestava-se principalmente quando ele estava nervoso.

Algo importante de se observar é que Simon não se deixa abater pelas atitudes do pai, que o chama de idiota, mesmo sem conseguir falar corretamente devido à gagueira, ele tenta e se impõe ao fazê-lo de forma obstinada na direção do pai e, como o herói byroniano, ele não se submete às vontades de ninguém, desenvolve sua própria maneira de agir. Além disso, com o apoio de sua cuidadora, buscou melhorar cada vez mais em seus vários aspectos, e conseguiu

Quando Simon tinha onze anos, começa a desenvolver sua fala, assim ele e sua cuidadora foram para Londres conversar com o Duque. Logo que chegaram, e antes mesmo de entrar na casa, tiveram uma surpresa muito desagradável, o pai de Simon havia dito a todos que ele estava morto. Ninguém imaginava que ele existia e

os próprios criados se mostraram extremamente surpresos, pois seu próprio pai havia negado a sua existência.

Este é um acontecimento importante na trama, pois aqui Simon começou a entender a intensidade da rejeição que seu pai tem por ele, o que alimenta ainda mais o seu ódio, moldando-o ao longo de sua vida como um personagem odioso e que desenvolve sua maneira de ser que, ao longo do tempo, o leva a outros problemas na vida adulta, quando encontramos mais traços byroniano no personagem:

A porta se abriu em segundos e eles foram observados de cima a baixo por um mordomo bastante imponente. – Entregas são feitas pelos fundos – informou ele, estendendo o braço para fechar a porta. – Espere um pouco! – disse a ama rapidamente, colocando o pé entre a porta e o batente. – Não somos criados. O mordomo olhou com desdém para as roupas dos dois. – Bem, eu sou, mas ele não – completou ela. Agarrou o braço de Simon e o empurrou para a frente. – Este é o conde de Clyvedon, e seria prudente tratá-lo com o devido respeito. [...]– Até onde sei, o conde de Clyvedon está morto. – O quê? – gritou a ama. – Com certeza eu não estou morto! – exclamou Simon, com toda a justificada indignação de um menino de 11 anos. O mordomo examinou o garoto, reconheceu imediatamente que ele tinha os traços dos Bassets e os fez entrar. (Quinn, 2013, p. 13).

Nesse dia, Simon conversou com o pai, e falou bastante, mas o nervosismo em ver o pai depois de anos fez a gagueira aparecer como se fosse algo relacionado à internalização da fala, ao medo e ao ódio que sentia, e mais uma vez o pai se lamentou e o rejeitou, chamando-o de idiota, dizendo que ele era uma decepção e que não tinha nenhum filho. A partir desse dia, Simon foi tomado pela dor da rejeição, pelo rancor e pelo ódio, e isso mudou sua vida para sempre, ele logo parou de se importar como o que o pai desejava e tinha em mente. Seria o que ele quisesse e pudesse ser:

Simon sentiu no âmago a rejeição do pai. Experimentou uma espécie peculiar de dor tomando conta de seu corpo e envolvendo o coração. E, conforme o ódio lhe invadia e transbordava por seus olhos, ele fez uma promessa solene. Se não podia ser o filho que o pai queria, então seria exatamente o oposto. (Quinn, 2013, p. 15).

Depois disso, Simon cortou suas relações com o pai definitivamente, desistiu de conseguir sua aprovação, e usou o ódio e a raiva como impulsos para se tornar o melhor que podia ser, foi um aluno muito aplicado na escola e na universidade e se saía muito bem em tudo o que fazia, ganhou muito respeito e prestígio, muito mais do que o seu título já lhe dava.

Nutrido pelo ódio, Simon estabeleceu sua própria maneira de viver, independente do título e da rejeição do pai, ele buscou ser o melhor no que fazia e, com o tempo, desenvolveu um alto nível de inteligência e uma personalidade marcante, fazendo-o se destacar em vários aspectos. O ódio e a rejeição guiaram Simon a sempre buscar ser o melhor e se superar em tudo o que fazia.

Alguns anos mais tarde, o pai acompanhou escondido seu desempenho escolar ao longo da vida, e se arrependeu um pouco tarde de o ter rejeitado. Afinal, Simon era seu único filho e se saiu muito bem e ele percebeu que Simon não era o idiota que ele dizia:

Mas acabou que o pai não as desaprovava totalmente. Sem o conhecimento de Simon, o duque de Hastings já havia começado a se interessar pelo progresso do único filho. Pedia relatórios acadêmicos da universidade e contratou um sujeito para mantê-lo informado das atividades extracurriculares de Simon. E, finalmente, parou de esperar que cada notícia contivesse relatos da idiotice do filho. Era impossível apontar o momento exato de seu arrependimento, mas um dia o duque percebeu que o filho se saíra muito bem, afinal. (Quinn, 2013, p. 35-36).

Simon e o pai voltaram a se ver pessoalmente no leito de morte do Duque, quando Simon jurou ao pai que o título morreria com ele, nunca casaria ou teria filhos e esta seria a sua forma de se vingar pela rejeição que sofreu na infância e o influenciou até a vida adulta. Tanto que, depois da morte do pai, ele não se sentiu bem ao assumir os deveres de Duque, tratando o título com desdém e desprezo, como um fardo que ele é obrigado a carregar por causa das convenções, outra característica byroniana em Simon:

Sabia que deveria cuidar de seu direito de nascença e exibir um orgulho incontestável pela história cheia de glórias da família Basset, mas a verdade era que tudo aquilo o deixava mal. Passara a vida inteira sem corresponder às expectativas do pai. Agora parecia ridículo tentar ficar à altura do nome dele. (Quinn, 2013, p. 22).

Para Simon, apesar do seu título lhe proporcionar uma vida confortável, ele não se sente bem em possuí-lo, pois é algo que sempre lembrará o seu pai o que para Simon era algo negativo. Por isso, segundo ele, não se importa se o título terminar com ele, por isso que ao longo do livro ele sempre deixa claro que nunca irá se casar ou ter uma família, o tempo todo pensando em si mesmo e na sua dor, tendo assim atitudes egoístas e individuais quando pensava em seu futuro. E isso é o oposto de Daphne, que foi criada em uma família com vários irmãos e muito amor, e sonha com o casamento e sua própria família. As formas diferentes de pensar dos

dois causam várias contradições e mais tarde acabam causando brigas e sofrimentos para ambos:

Simon olhou para ela pensativo. – Você quer se casar? – Bem, é claro que sim – respondeu ela, surpresa. – Não é o que todos querem? – Eu não. Ela deu um sorriso condescendente. – Você acha que não quer. Todos os homens pensam isso. Mas vai querer. – Não – afirmou ele, de maneira enfática. – Eu nunca vou casar. Daphne o encarou, boquiaberta. Algo no tom de voz dele deixou claro que realmente acreditava no que estava dizendo. (Quinn, 2013, p. 73).

Com a temporada de bailes do ano de 1813, seria difícil se livrar das mãos com filhas solteiras, já que ele possuía qualidades que satisfariam a qualquer família do século XIX, mesmo com a fama de libertino comum a alguns nobres: “Depois de Eton, Simon seguiu o caminho natural e entrou para Oxford, onde ficou famoso tanto como um aluno estudioso quanto como um libertino” (Quinn, 2013, p. 35). Não deixava de ser apropriado estabelecer relações matrimoniais, o partido perfeito para que as moças cortejassem. Não podemos deixar de destacar duas características byronianas do personagem, a inteligência e o apelo sexual, destacadas na citação a seguir: “O herói byroniano se apresenta como alguém altamente inteligente, atraente, com um grande nível de percepção, comportamento autodestrutivo, arrogância, sofisticação, cinismo, solidão e bipolaridade”. (Macena, 2020, p. 21)

Como não queria se casar, ele cria um plano, o que demonstra sua inteligência e desvio da moral, pois o plano contava com uma mentira e foi feito para evitar um possível casamento e, segundo a moral da época, como nobre, Simon deveria se casar e ter um herdeiro, características do personagem byroniano:

– Eis o meu plano – continuou Simon, com a voz baixa e intensa. – Vamos fingir que passamos a gostar um do outro. Não haverá tantas debutantes sendo atiradas em meu colo porque todos acreditarão que não estou mais disponível [...]. Em segundo lugar – prosseguiu ele –, os homens sempre reparam mais em uma mulher quando acham que há outros como ele interessados nela. [...] se todos pensarem que tenho a intenção de fazer de você minha duquesa, os homens que a veem apenas como uma amiga querida começarão a enxergá-la de outra forma. (Quinn, 2013, p. 77-78).

No início, o plano sai nos conformes do Conde e ambos conseguem seus objetivos, os rumos da história mudam, quando o casal começa a sentir uma atração recíproca. Até que em um Baile os dois foram pegos em uma situação comprometedoras pelo irmão mais velho de Daphne e melhor amigo de Simon, Anthony, enquanto estavam no jardim:

Deu a Daphne a oportunidade de fazê-lo parar. Seus movimentos eram de uma lentidão agonizante, e ele parou por um segundo antes de tirar a roupa dela, para lhe dar uma última chance de dizer não. Mas, em vez demonstrar o assombro de uma virgem, ela arqueou as costas e soltou um suspiro suave e absolutamente excitante. Simon estava arruinado. Ele deixou o tecido do vestido cair e num momento de desejo atordoante, apenas olhou para ela. E então, enquanto sua boca descia em direção à dela para tomá-la, ele ouviu... – Seu canalha! Quando reconheceu aquela voz, Daphne gritou e deu um salto para trás. – Ah, meu Deus – arquejou ela. – Anthony! (Quinn, 2013, p. 142-143).

Após esse acontecimento, começa uma sequência de acontecimentos que fazem o passado sombrio de Simon ressurgir. Primeiro, seu melhor amigo quer que ele se case para que a irmã não seja desonrada ou duelar para que a honra seja vingada. Simon, por não querer se casar, opta por duelar. Isso gera uma grande tensão e muito sofrimento. A possibilidade de ter uma família remetia o Duque à sua própria, um pai que o rejeitou durante toda a vida, seu ódio. Segundo Macena: Essa inquietação se dar por meio das lembranças de um passado problemático e isso ilustra bem o personagem byroniano. (Macena, 2020, p.21).

O Duque vê acontecer diante de seus olhos o que mais temia: a possibilidade de um casamento, gostar de alguém, matar o melhor amigo ou perder a própria vida, que para ele se torna a solução mais viável, o jeito mais fácil de fugir daquilo que o afligia e assombrava, o seu passado, e, como o herói byroniano, prefere fugir dos problemas ao enfrentá-los, embora precisasse morrer para isso.

A situação só é resolvida quando Daphne convence Simon a casar-se e o duque deixa claro que nunca poderá ter filhos: “– Se você se casar comigo, nunca terá filhos. Nunca terá um bebê em seus braços sabendo que é seu, que o gerou com amor. Você nunca...” (Quinn, 2013, p. 162). Por essa razão, ela teria que sacrificar muito da sua vida se quisesse ficar como ele e, apesar de sofrer com isso, eles se casaram. “– Não vai haver duelo – continuou. – Simon e eu vamos nos casar” (Quinn, 2013, p. 162).

Simon não deseja se apaixonar ou ter filhos e se aproveita da inocência de Daphne para conseguir seu intento, exprimindo assim outras características do herói byroniano, como aquele que não se entrega aos sentimentos e só ama o impossível, ou seja, o que não pode ter, quer algo que está além da sua realidade:

O herói byroniano desafia os poderes do mundo natural, necessitando de algo mais que a mera existência, o que o torna solitário e desencantado com a realidade presente, buscando no passado, no amor, no proibido e no sobrenatural o verdadeiro sentido da vida. (Fernandes, 2020, p. 38).

O livro se passa em uma época em que a sexualidade era evidente para os homens do que para as mulheres, então, ao se casar, havia questões que Daphne não entendia direito. Passa-se o tempo e eles têm uma boa convivência como casados até Daphne perceber que há algo errado e, conversando com uma criada, descobre os motivos que levaram o duque a não querer ter uma família e que, na verdade, Simon pode, mas não quer ter filhos:

– Eu fiz aquilo – disse Simon – porque tinha consciência de que nunca seria um bom marido para você. Eu sabia que você queria filhos. Você me dissera muitas vezes, e é claro que eu não a culpo por isso, porque você vem de uma família grande e amorosa. – Você também poderia ter uma família assim. Ele continuou como se não a tivesse escutado. – Então, quando você interrompeu o duelo e implorou que eu a pedisse em casamento, eu a avisei. Falei que não teria filhos... – Você disse que não podia ter filhos – interrompeu ela, com os olhos faiscando de raiva. – Existe uma grande diferença. – Não para mim – decretou Simon friamente. – Eu não posso ter filhos. Minha alma não permite. (Quinn, 2013, p. 224).

Nesse momento, após uma briga com Daphne, Simon sai de casa para beber e briga em um bar. Ele percebe como a rejeição do seu pai está presente em sua vida após Daphne jogar isso praticamente na sua cara. Quando você me leva para a cama – disse ela, com a voz engasgada –, nunca somos só nós dois. Seu pai está sempre lá (Quinn, 2013, p. 2). A raiva presa por anos se liberta nesse momento:

Simon saiu e se embabedou. Não era algo que costumasse fazer. Não era sequer algo de que gostasse, mas se embabedou mesmo assim. [...]. Havia nele uma raiva contida, uma fúria que habitara sua alma durante anos. Agora ela finalmente encontrara o caminho para a superfície e não precisara de muito estímulo para fazê-lo entrar em uma briga. (Quinn, 2013, p. 224).

Após Simon chega em casa bêbado, procura a esposa, quando a encontra ela cuida dele, então um episódio leva o casal a praticamente finalizar o matrimônio. Daphne resolve engravidar sem consultar Simon. Ao se dar conta do que a esposa fez, Simon sente ódio, pois em sua mente o pai o venceria se ele tivesse filhos, assim todos os seus problemas do passado o afligem nesse momento, provocando inclusive a volta de sua gagueira:

Simon odiou a si mesmo, odiou a voz que o abandonara e odiou a esposa, porque ela tinha o poder de reduzir seu autocontrole a nada. A perda completa da fala, o engasgo, a sensação de estrangulamento... ele havia trabalhado a vida inteira para fugir de tudo isso e agora ela fizera tudo voltar com ainda mais força. Ele não podia permitir isso. Não podia deixar que o reduzisse ao que um dia ele havia sido. (Quinn, 2013, p. 241).

Podemos notar o ódio e o remorso no personagem, que se culpa por ter sido fraco e permitir que a esposa o afetasse tanto, sentiu ódio dela por amá-la, e assim como seu pai, ter poder sobre ele, domínio este que ele desejava que ninguém mais tivesse, já que o remetia a todo o sofrimento de seu passado. Nesse momento, Simon se sentiu o idiota que o pai dizia e sentiu como se tudo o que conseguiu até então tivesse sido inútil, inclusive seus esforços para melhorar a fala. A culpa o espezinhou de um jeito que o fez lembrar a pior sensação que já teve em sua vida, a dor da rejeição sofrida em seu passado, e tudo que estava internalizado se manifesta com o retorno da gagueira.

Passado esse momento, o Duque viaja deixando Daphne sozinha. Para não enfrentar os problemas, Simon opta por fugir deles. Em seus dias a sós, ela pensa sobre como agiu, pensou que seu amor poderia mudar a forma de Simon ver o mundo, lamentava-se por não ter conseguido e, pelo contrário, tê-lo afastado mais, assim ela volta para Londres e deixa o campo. A distância gerou sofrimento para ambos, mas também ajudou a pensar melhor. Após alguns dias sozinho refletindo sobre sua vida, a situação começa a mudar em relação a Simon:

Ele simplesmente não sabia se poderia viver com ela se isso significasse voltar a ser o garoto que mal era capaz de falar. Tentou se lembrar da época em que a cortejava – de mentira, pensou com um sorriso –, de como era fácil estar e conversar com ela. Mas todas as recordações tinham sido manchadas pelo que havia acontecido: ele no quarto de Daphne naquela manhã detestável, tropeçando na língua e se engasgando sozinho. E ele detestava ser daquela maneira. Então fugiu para uma de suas propriedades no campo. (Quinn, 2013, p. 254).

Apesar de no início não querer encarar a verdade e fugir, aspecto comum ao herói byroniano, quando sozinho, Simon pensou sobre como seria sua vida sem a esposa, já havia se acostumado com sua presença, como seria agora viver sem isso e o que o ajuda a tomar sua decisão é uma carta que recebe da esposa confirmando a suposta gravidez. Simon vai a Londres atrás da esposa desesperado para encontrá-la, chegando ao seu destino descobre que ela havia saído a cavalo, o que o faz se desesperar ainda mais, ele mesmo sai para procurá-la. Encontrando-a após uma queda de cavalo, preocupa-se com a gravidez e ficou decepcionado ao saber que Daphne havia se enganado:

– Uma gestante não deveria chegar nem perto de um cavalo! Você deveria saber disso! Quando ela o encarou, seus olhos pareciam muito cansados. – O que você tem com isso? – perguntou ela com frieza. – Você nem queria este bebê. – Não queria, mas agora que ele existe, não quero que você o

mate. – Bem, não se preocupe. – Ela mordeu o lábio inferior. – Ele não existe. Simon prendeu a respiração. – Como assim? – Eu não estou grávida. – Você... – Ele não conseguiu terminar a frase. Foi dominado por um sentimento muito estranho. Não queria achar que era decepção, mas talvez fosse. (Quinn, 2013, p. 260).

Nesse momento, os dois têm uma conversa definitiva sobre o futuro. É aqui que Simon decide vencer seus traumas passados e tentar ser feliz mesmo inseguro em relação as suas decisões por causa da sua relação com o pai, mas ele percebe que se Daphne estivesse ao seu lado poderia viver melhor:

– Você algum dia parou para pensar se queria ter uma família? – perguntou ela. – Se queria ter um filho? Você seria um pai maravilhoso, Simon, e apesar disso não se permite sequer considerar essa ideia. Você acha que está se vingando, mas na verdade está só permitindo que ele mande em você do túmulo. – Se eu tiver um filho, ele vencerá – sussurrou Simon. – Não. Se você tiver um filho, você vencerá. – Ela engoliu em seco. – Nós venceremos. Ele ficou em silêncio, mas ela podia ver o corpo dele tremendo. – Se você não quiser ser pai é uma coisa. Mas negar a si mesmo a alegria da paternidade por causa de um morto é covardia da sua parte. (Quinn, 2013, p. 263).

Devido à relação negativa com a seu pai, Simon desenvolveu aversão a tudo o que se relacionava à família, filhos e casamento. Na parte destacada acima, Simon e a esposa conversam sobre as razões que o levaram a pensar dessa maneira. E, mesmo depois de morto, parecia que o pai ainda ditava as coisas em sua vida.

Podemos perceber que no final Simon acabou mudando a opinião em relação à família e filhos, imagem que tinha devido ao seu péssimo relacionamento com o seu pai, que é mostrado ao longo da história:

Mas é a verdade – retrucou ele, dando de ombros com uma expressão impotente. – Você sabe melhor do que ninguém que eu não desejava nada disso. Não queria casar nem ter uma família, muito menos me apaixonar (Quinn, 2013, p. 267).

Mas, ao longo da narrativa, percebemos as mudanças, como ele se apaixona por Daphne e começa a superar os problemas do seu passado, revelando a ela seus problemas por causa dos sentimentos que desperta nele.

O final mostra como o personagem aprende a lidar melhor com seus problemas, não deixando que eles atrapalhem a sua vida. E esses são aspectos que promovem a desconstrução do personagem pela escritora, pois ele começou como alguém problemático, odioso, com comportamentos egoístas. Mas, ao final, ele deixa de ser byroniano e passa a encarar os problemas, tornando-se um exemplo de

moral, o que encaminha a trama para um final clichê que nesse tipo de história tão conhecido como “felizes para sempre”.

Assim, embora no final ocorra uma desconstrução do personagem, podemos destacar no duque muitas qualidades de um herói byroniano, pois no início, ele não agrada pelas atitudes, mas depois se mostra alguém totalmente diferente daquilo que o leitor acreditava que ele fosse. Sendo assim, o homem se revela como alguém que muda em prol dos sentimentos, que mudam sua maneira de enxergar o mundo.

É importante também compreender a maneira como o estereótipo do herói byroniano encontra-se presente na literatura e a importância para quem estuda as obras, sejam elas literárias ou cinematográficas, entender a lógica do emprego desse tipo de personagens. A exemplo de Simon, que pode despertar sentimentos opostos no leitor através de sua gradual revelação de personalidade, que

Refletimos que o caráter histórico que possui esse tipo de herói, que embora os padrões dos homens e suas personalidades estejam diferentes e exigentes, as características positivas e negativas do Herói Byroniano nunca deixam de ser relevantes para o estudo da literatura. Sendo assim, um estilo de personagem reproduzido nos mais diversos meios artísticos até o presente.

4 CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, buscamos analisar o personagem Simon Basset, protagonista do romance *O Duque e Eu*, da escritora Julia Quinn e, a partir disso, mostrar suas características enquanto herói byroniano.

Para o desenvolvimento deste artigo, recorreremos a estudos da área de literatura, bem como a obras do próprio Lord Byron, a fim de descrever as características desse herói e percebê-las como presentes no personagem trabalhado. Destaca-se a importância de analisarmos as obras literárias de diferentes épocas para que possamos produzir um saber científico voltado para obras contemporâneas, fazendo perceber como o personagem criado por Lord Byron ainda se faz presente na literatura contemporânea.

Mostramos que diferente de muitas obras literárias que trazem personagens caracterizados como o herói byroniano, na obra estudada ocorre a desconstrução do personagem, que deixa de ser byroniano tornando-se exemplo da moral pregada pela sociedade, como exemplo de pai e marido.

Pesquisas como esta são importantes para ampliar e contribuir com o conhecimento científico a respeito da literatura contemporânea, proporcionando assim pesquisas futuras que visem valorizar conceitos presentes nos diferentes gêneros literários. É importante lembrar que Julia Quinn é uma autora mundialmente conhecida com livros traduzidos em diferentes países, principalmente após as adaptações de seus romances para as séries da *Netflix*.

Os estudos a respeito do herói byroniano são algo de grande importância dentro da literatura, principalmente por causa da influência de seu criador na arte ao longo do tempo. E falar sobre conceitos e personagens criados há anos, mas que até hoje inspiram e se fazem presente em meio a transformações, releituras da literatura e cultura da sociedade atual pode ser inovador, levando a refletir sobre as novas nuances da produção literária.

REFERÊNCIAS

BELOTO, Rosa Maria Mijas; DOS SANTOS NETO, Miguel Teixeira. Poesia romântica sentimental brasileira: tuberculose, byronismo, mal do século. **Revista Tema Online-v**, v. 1, n. 1, p. 124, 2023.

BYRON, George Gordon. **Manfredo**. Curitiba: Dining Tree Books. 2021.

GUÐMUNDSDÓTTIR, Sólrún Helga. **The Byronic hero: origins and legacy**. 2012. 26 f. Tese de Doutorado, 2012.

GUIMARÃES, Leandro. **Lord Byron**. 2022. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/lord-byron.htm>. Acesso em: 12 dez. 2022.

HENKER, EADUARDA. **Resenha O Duque e Eu Julia Quinn**. 2021. Disponível em: <https://www.queriaestarlendo.com.br/2013/07/resenha-o-duque-e-eu.html>. Acesso em: 11 dez. 2022.

MACENA, Jessica Karla da Silva Flor. **Faces Byronianas de Malévola: Entre Heroína e Anti Heroína**. 2020. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2020.

QUINN, Julia. **O Duque e Eu**. São Paulo: Arqueiro, 2013.

SILVA, Michele Maria da; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Glênio Oliveira da. A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 91-109, 2021.

FERNANDES, Auricélio Soares. **Espelhos e retratos de Dorian Gray na série televisiva Penny Dreadful: configurações do gótico na construção do personagem de Oscar Wilde e de John Logan**. 2020. 285 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba- UFPB. 2020.

SOUSA, Túlio Cordeiro de. **Eric Draven, de "O Corvo": resquícios do herói byroniano na HQ de James O'Barr**. 2018. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.

SPANIOL, Bruna. **Ordem Cronológica dos livros de Júlia Quinn**. 2022. Disponível em: <https://www.amorporlivros.com.br/ordem-livros-julia-quinn/>. Acesso em: 11 dez. 2022.

STEIN, Atara. A Fire and Motion of the Soul Nineteenth-Century Origins. In: _____. **The Byronic Hero in Film, Fiction, and Television**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004. Cap. 1, p. 8-34.

XAVIER, Antônio Carlos. Ciência, seus métodos e classificações. In: _____. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos: crônicas de história da medicina**. Recife: Rêspel Editora, 2012. Cap. 2, p. 35-54.